



# “3 x 1”: Estruturalismo, Enunciação e Econlinguística na minha concepção de língua/linguagem

Claudio Alves Benassi<sup>1</sup>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1381603750282598>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7698-1998>

Simone De Jesus Padilha<sup>2</sup>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3020979926140822>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4540-0070>

---

## RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma nova concepção de língua/linguagem, que se encontra em gérmen na tese “VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais”. Tal concepção congrega o pressuposto do abstrato do sistema linguístico advindo do pensamento saussuriano, ao se levar em consideração que ela é também concreta segundo argumentos bakhtinianos, apresentando ainda a característica da adaptabilidade apontada pela ecolinguística. O artigo apresenta uma breve discussão teórica a respeito, que fundamenta a nova concepção de língua/linguagem. Espera-se que uma nova luz teórica seja lançada sobre a temática, tendo em vista que abstrato e concreto na língua/linguagem não se excluem; se retroalimentam.

---

## PALAVRAS-CHAVES:

Estruturalismo,  
Enunciação,  
Econlinguística.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos de Linguagens (UFMT). Mestre em Estudos Interdisciplinares de Cultura Contemporânea (UFMT). Formado em música pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Língua brasileira de sinais (Libras) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Artista pesquisador e professor da Coordenação de Ensino de Graduação de Letras-Libras – Licenciatura. Professor Auxiliar A. Editor gerente das Revistas Diálogos (RevDia) e Falange Miúda (ReFaMi). [claudiobenassi@cpd.ufmt.br](mailto:claudiobenassi@cpd.ufmt.br)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada (PUC-SP). Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFMT. Fundadora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK). [simonejp1@gmail.com](mailto:simonejp1@gmail.com)

## 1. Introdução

Neste artigo, pretendo apresentar as concepções de língua e de linguagem por três vieses teóricos (o estruturalismo; a teoria da enunciação; e a ecolinguística), que culminaram num esboço de uma concepção própria de língua/linguagem. A ideia se concretizou na tese doutoral “VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais” (2019), de minha autoria, produzida sob orientação da professora Simone de Jesus Padilha.

A princípio, parece contraditório utilizar bases oriundas do pensamento saussuriano num trabalho também fundamentado por pressupostos de Bakhtin e o Círculo, no qual ainda corrobora um determinado princípio da ecolinguística. No entanto, tal “casamento” foi necessário, conforme poderemos entender nas explicações a seguir.

A escrita de língua de sinais (doravante ELS ou simplesmente ES – escrita de sinais) foi o objeto da pesquisa que originou a tese acima referenciada.

O objetivo de tal pesquisa ambicionou a criação de um sistema de ES com baixo número de caracteres e visual, tendo em vista que o sistema de ELS mais conhecido no Brasil, o *Sign Writing* (SW), contém 982 caracteres (STUMPF, 2005, p. 155). E, até a divulgação da VisoGrafia, o sistema com menor número de caracteres, a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), é muito abstrato.

Esses aspectos apontam dois problemas distintos. Primeiro: consideramos em nossa análise que a grande quantidade de caracteres do SW se deve ao fato do sistema implementar uma escrita que grafa os parâmetros por completo, o que nos exigiu estudar o paradigma estruturalista e centrar o desenvolvimento do nosso sistema na teoria da dupla articulação (MARTINET, 1968, 1975) e na ideia *fonológica* – *paremológica*, portanto, na segunda articulação da língua de sinais – para, dessa forma, reduzir ao máximo o número de caracteres, fato já alcançado no sistema ELiS.

Segundo: havia o problema da valoração do sujeito com surdez sobre o sistema ELiS, que é considerado abstrato e de visualidade complexa e não traduz a tridimensionalidade da língua de sinais. Nesse sentido, para analisar e compreender essa valoração e suas implicações práticas no ensino de ES era necessário, no desenvolvimento do novo sistema de ELS, utilizar o pensamento bakhtiniano.

Ao delinear os conceitos de língua/linguagem que nortearam a pesquisa foi necessário compreender o princípio da adaptabilidade do sistema linguístico pelo sujeito, pressuposto implementado pela teoria ecolinguística.

Em relação ao “casamento” Saussure e Bakhtin, não se pode admitir que um contradiga o outro; nem que o pensamento de um refute o outro, pois, como afirma Serriot (2015, p. 112), seus objetos de estudos são incomensuráveis e se encontram em platôs existenciais distintos e longínquos. A possibilidade de um encontro entre os dois, é, praticamente, nula. Para Serriot:

[...] em lugar de admitir existirem maneiras diversas de se ocupar da linguagem, ou que um objeto de conhecimento deve primeiramente ser definido no interior de um quadro teórico determinado, Volochinóv se apoia em sua busca da *essência real* da linguagem para reivindicá-la como único e exclusivo método de investigação. Repreender os formalistas por só se interessarem pelas formas é um despropósito: alguém repreende um padeiro por não vender peixe? Não é com *MFL* que se poderá explicar o que é um par mínimo em fonologia, assim como não é com o *CLG* que se poderá explicar o que é a “consciência” ou um “signo ideológico”, ou ainda que um indivíduo vá se interessar pela “beleza” ou pela “verdade: de um enunciado proferido diante dele ou para ele (*op. cit.*).

Logo, embora os teóricos versem sobre língua e linguagem, seus estudos se tornam distintos em função da orientação teórica a qual submetem o objeto da linguística. Enquanto Saussure centra sua atenção na materialidade formal, normativa, abstrata da língua, Volochinóv se situa no âmbito do concreto, do axiológico e do dialógico, ou seja, na real essência da linguagem.

Para concluir esse “preâmbulo” era impossível, na pesquisa, compreender o princípio estrutural da dupla articulação e aplicá-lo na língua de sinais, com base no pensamento de Bakhtin e do Círculo, do mesmo modo que jamais poderia conceber a valoração do sujeito visual sobre a ELiS fundamentando essa análise com a teoria estruturalista. Esta necessidade me levou a principiar uma concepção própria de língua/linguagem, a qual será exposta no decorrer do presente artigo.

# 1. Concepções de língua(gem) no estruturalismo, na enunciação e na ecolinguística

## 1.1. A concepção de língua(gem) pela ótica estruturalista

Apesar de considerar a língua abstrata e assim estudá-la (SAUSSURE, 2004 p. 35), Saussure admite o caráter social da mesma (*op. cit.* p. 86) ao colocar tudo o que é linguagem e língua em seu verdadeiro nicho centrado unicamente no sujeito falante, este sendo concebido como ser humano ou ser social. Sem dúvida, é uma importante conquista da área da linguística (*op. cit.* p. 116). Este postulado saussuriano, a meu ver, derruba a tese de que o linguista genebrino exclui o sujeito da vida da língua. Para Saussure:

[...] O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos, porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas (SAUSSURE, p. 128).

Como visto, a linguagem é constitutiva do homem como tal, pois, é a partir dela que ele desenvolve suas faculdades. Assim, Saussure demonstra e reconhece a importância da linguagem para o homem, coloca-o em uma posição não de passividade (lembrando Martins [2014]), mas o admite como um ser ativo por meio da linguagem na transformação de seu mundo individual e coletivo. Saussure postula que toda espécie de valor – ainda que se utilizando de elementos diversos –, “só se baseia no meio social e na força social.” Assevera, ainda, que é a coletividade que cria o valor, uma vez que este “não existe *antes e fora dela*”, também não existe nos seus elementos decompostos, tampouco nos indivíduos (SAUSSURE, 2004, p. 250. Ênfase original).

A asserção acima nos dá a dimensão da força do social e da coletividade no pensamento linguístico saussuriano. Para o autor, indivíduos isolados não podem estabelecer valores linguísticos. A linguagem, para Saussure, é redutível a algumas dualidades. Dentre as definições relacionadas pelo linguista genebrino, destaco

indivíduo/massa: “a língua, coisa em si sem relação com a massa humana existente, é indissolúvelmente ligada à massa humana”, ao mesmo tempo que “é social ou não existe”. Para se impor ao espírito do indivíduo, a língua deve, antes, ter a sanção da coletividade (*op. cit.* p. 258).

Não há linguagem se não houver um falante, assim como não há discurso sem que haja um ouvinte ou um orador. Logo, se as mudanças linguísticas, para Saussure, se dão a “propósito de uma linguagem discursiva”, o autor assume uma dupla função do indivíduo que se retroalimentam: ele é passivo ao assimilar a mudança, ao mesmo tempo que é ativo ao produzir discursividade. Assim sendo, só pode haver mudança se o indivíduo produzir o discurso que, obviamente, irá produzir mudança.

Para o autor, a língua se diferencia no tempo e, ao mesmo tempo, se diferencia ou se diversifica no espaço. Ao considerar uma língua dada em datas diferentes, Saussure postula que ela não será idêntica a si mesma, como também não será se considerada em pontos distintos (*op. cit.* p. 132). É impensável que Saussure tenha concebido tal noção excluindo a ação do falante: para existir língua(gem) é necessário que exista falante. Para que uma dada língua seja comparada em datas e *locus* distintos é necessário que ela tenha sido falada de uma data ‘x’ a uma data ‘y’, assim como é indispensável que essa língua tenha sido falada de um ponto ‘a’ a um ponto ‘b’.

Sobre a continuidade da língua, Saussure pondera que “cada indivíduo emprega, no dia seguinte, o mesmo idioma que falava no anterior e é isso que sempre se observa” (*op. cit.* p. 133). Outra vez o autor deixa claro a dupla função do indivíduo na utilização linguística: ele é tido como passivo ao, cotidianamente, empregar a língua, ao mesmo tempo que é ativo ao empregá-la. Esse aspecto, insisto, derruba a tese de que Saussure exclui o falante (sujeito) da vida da língua. Ele admite a vida social da língua, como também atribui ao indivíduo papel importante na vida coletiva da língua. Essas mudanças, se dão no sentido psicológico-lógico, ao longo da temporalidade de sua vida, o que não se revela imediatamente, conforme assevera o autor (*op. cit.* p. 288).

Vale tangenciar a questão da dupla essência da linguagem concebida por Saussure. Para o autor, a linguagem apresenta uma essência dual: língua e fala; passividade social e vontade individual; valor e forma; fonética e morfologia; som e

sentido; identidade e entidades; indiferença e diferença; forma e figura vocal; mudança fonética e mudança semântica; fala efetiva e fala potencial; sentido próprio e sentido figurado; diferença e entidades; interior e exterior; signo e significado (*op. cit.* p. 21-88).

Para Saussure (*op. cit.* p. 88), não se pode opor signo à significação, pois são duas formas do mesmo conceito. Para o teórico, sem signo não existiria uma significação. A significação é concebida como sendo uma “experiência às avessas do signo”. Para exemplificar, o linguista genebrino utiliza a metáfora da folha de papel. Não se pode cortar uma folha de papel sem lhe cortar, numa mesma tesourada, os lados avesso e direito. Para o autor, pouco importa a natureza do signo: material ou imaterial, o que de fato importa é o fato de ele residir em nossa cabeça (*op. cit.* p. 117) assumindo que o mesmo é de natureza sócio-convencional, em minha concepção.

Saussure afirma que se o ambiente coletivo modifica tudo para o sistema de signos, “ele é também, desde a origem, o verdadeiro ambiente de desenvolvimento a que tende, desde o nascimento, um sistema de signos”. Ele acrescenta: um sistema de signos feito para a coletividade é como o barco para o mar. O autor arremata seu posicionamento afirmando que, em nenhum momento, o sistema semiológico deixa fora de si mesmo o elemento da coletividade social. Ou seja, não é possível excluir dele a coletividade social com suas normas, sendo esta um de seus elementos internos e não externos: “esse é o nosso ponto de vista” (*op. cit.* p. 248,249).

Vale ainda ressaltar que, para Saussure, o signo é arbitrário, fato que possibilita conceber a língua como lógica. Embora não desenvolva a noção no ELG, Saussure afirma, ao abordar a arbitrariedade do signo e a noção de termo, haver uma arbitrariedade absoluta e uma relativa; totalmente arbitrário e parcialmente arbitrário (*op. cit.* p. 282).

Saussure afirma que, mesmo que se quisesse abordar “o lado ideológico do signo, é bem evidente que as ideias de toda espécie oferecessem uma fixidez [ ] Fixidez obtida pelos nomes geográficos” (*op. cit.* p. 95). Como visto, o linguista genebrino admite que, além da dupla face do signo já conhecida (signo/significação, incluindo a vulgata conceito/imagem acústica), o signo possui um lado ideológico. Ou seja, o signo se veste de um valor diferente da relação de negatividade entre os elementos linguísticos.

Assim sendo, concluo que linguagem, para o estudioso, é um fenômeno social, oriundo do exercício da faculdade comunicacional humana, sendo esta constitutiva do homem como tal: ele é dado organizado pela linguagem articulada, mas sem a mesma. O homem é organizado para falar. No entanto, só chegará a falar por meio da relação com a comunidade que o cerca. Pouco importa a etnia, ele depende da comunidade na qual se insere e só experimenta o exercício da faculdade da fala em relação com a língua(gem).

A linguagem humana é constituída pela somatória da fala (vontade individual) e a língua (passividade social). A língua é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade pelos indivíduos. A sua natureza é convencional, social e externa e deve ser estudada como sendo a essência da atividade comunicativa.

## 1.2. Língua(gem) na perspectiva bakhtiniana

A língua é formada ao longo do tempo, logo, historicamente. A realidade da língua, para Bakhtin, é concreta e situada na interação verbal. Ou seja, a palavra é sempre dirigida a alguém (TREVISAN, 2012, p. 125). A língua estabelece um vínculo concreto com a situação de uso, na qual a comunicação verbal entrelaça com outros tipos de comunicação ganhando vida:

*A língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes (VOLOCHINÓV, 2017, p. 220. Ênfase original)<sup>3</sup>.*

Como pode ser visto, a língua é histórica e na comunicação discursiva vive e se move. A língua se movimenta (adiante e juntamente) com o fluxo, do qual é inseparável. A língua, segundo a concepção dos autores, não é transmitida: ela é continuada num processo de formação que é ininterrupto. Para eles (*op. cit.*), os sujeitos falantes não recebem um sistema linguístico pronto e acabado, mas se

---

<sup>3</sup> A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes* (BAKHTIN/VOLOCHINÓV, 2010, p. 128. Ênfase original).

inserir no fluxo da comunicação discursiva, na qual sua “consciência se realiza pela primeira vez” (VOLOCHINÓV, 2017, p. 198; BAKHTIN/VOLOCHINÓV, 2010, p. 111).

Ainda de acordo com os autores, somente no processo de aprendizagem de uma “língua alheia”, se opõe a consciência do falante já pronta, uma língua igualmente pronta. Noutras palavras, ao falante se opõe uma língua pronta que se ancora em sua consciência já desperta pela língua materna. Neste aspecto, ao falante cabe apenas sua aceitação. Adiciona Volochinóv ao postulado: “a língua materna não é recebida pelas pessoas; é nela que elas despertam pela primeira vez” (VOLOCHINÓV, 2017, p. 198). Outrossim, Bakhtin/Volochinóv (2010, p. 111) afirmam que “os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência”.

A consciência subjetiva do falante não operacionaliza a língua como um sistema de formas normativas e idênticas. Tal é obtido apenas por meio de abstração, mediante um “enorme” trabalho com uma determinada orientação cognitiva e a prática (VOLOCHINÓV, 2017, p. 176). Noutras palavras, a abstração linguística demanda esforços cognitivos e prática linguística reflexiva. Sendo assim, conclui-se que a pertinência da abstração linguística está para a ciência linguística estruturalista e sistêmica e não para a consciência do falante. Para Volochinóv:

O que importa para o falante é aquele aspecto da forma linguística graças ao qual ela pode aparecer em um contexto concreto, graças ao qual ela se torna um sinal adequado nas condições de uma situação concreta.

Expressaremos isso do seguinte modo: *para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível*. Esse é o ponto de vista do falante (VOLOCHINÓV, 2017, p. 177. Ênfase original).

Portanto, é nas situações de uso que a língua mostra todo o seu potencial móbil e adaptativo, se adequando ao contexto imediato no qual o falante dela faz uso. Logo, não é o falante que a abstrai: tal abstração somente interessa ao linguista, ao especialista e ao professor em contexto devidamente justificado prática e teoricamente. Para o autor (*op. cit.* p. 182), “toda e qualquer abstração, para ser legítima, deve justificar-se por determinado objetivo teórico e prático”. Em nosso caso, consiste na orientação para o trabalho de representação gráfica da língua de

sinais, na qual reside o objetivo principal desta pesquisa, como se verá mais adiante e em momento oportuno, pois, como afirma o autor, “*a linguística surge onde e quando surgem as necessidades filológicas*” (op. cit. p. 183. Ênfase original).

Para finalizar, faço os seguintes apontamentos: 1) a língua é um sistema de signos relativamente estáveis, mutáveis e flexíveis; 2) a língua é formada num processo ininterrupto, que se origina da interação histórico-sócio-discursiva dos falantes; 3) as leis de formação da língua são leis sociológicas em sua essência; 4) criação linguística e criação artística não se coincidem, ao mesmo tempo que a criação linguística não pode ser compreendida desconsiderando os sentidos e valores ideológicos que a constituem (VOLOCHINÓV, 2017, p. 224,225; BAKHTIN/VOLOCHINÓV, 2010, p. 131,132); e, por último, 5) a língua existe não em si e por si, mas somente em sua relação com a enunciação concreta, com o ato verbal concreto (BAKHTIN, 2011, p. 83).

### 1.3. A visão ecolinguística de língua e de linguagem

Para o autor, a designação “ecologia linguística” deixa clara a concepção que a linguística ecossistêmica tem dos fenômenos da linguagem. Nesta, “língua (L) são as interações verbais que se dão entre os membros da população ou povo (P) e entre eles e o mundo ou território (T), exatamente como na ecologia biológica” (op. cit., p. 55).

Para Couto, não existe apenas um ecossistema linguístico. O autor admite que, dependendo da perspectiva segundo a qual os fenômenos da linguagem sejam observados, no mínimo quatro visões são encontradas: 1) ecossistema natural da língua; 2) ecossistema mental da língua; 3) ecossistema social da língua; que converge ou se funde no 4) ecossistema integral da língua. Em cada um desses ecossistemas a língua deve ser relacionada a um meio ambiente respectivo: 1’) meio ambiente natural; 2’) meio ambiente mental; 3’) meio ambiente social da língua, que converge para o 4’) meio ambiente integral da língua (op. cit., p. 56). Assim sendo:

[...] genericamente, a existência de uma língua (L) pressupõe um povo (P) que a tenha formado e que a use, bem como de um lugar ou território (T) em que esse povo se encontra, donde o nome ‘ecossistema integral da língua’, alternativamente também

conhecido como **ecossistema fundacional da língua** (COUTO, 2015, p. 61. Ênfase original).

Para a ecolinguística, a língua nasce nos atos de interação comunicativa, inserida em suas respectivas ecologias da interação comunicativa, tanto ontogenética quanto filogeneticamente (*op. cit.*, p. 63). Este aspecto pressupõe que a língua é social (já que o meio ambiente da interação comunicativa é o povo) e surge da interação verbal (linguagem). O diálogo é constituído por meio da interação comunicativa. Este é tido como um fluxo interlocucional, ou seja, a alternância entre falante (F) e ouvinte (O).

Para Couto, não é possível prever a direção que um determinado diálogo tomará, tampouco seu término pode ser previsto, aspecto que corrobora o princípio bakhtiniano da cadeia ininterrupta da linguagem. No entanto, o diálogo está submetido a regras socialmente admitidas, o que não exclui a possibilidade de negociar os significados durante o diálogo (*op. cit.*, p. 63). A ecologia da interação comunicativa emerge dos quatro ecossistemas linguísticos (natural, mental, social > integral).

Para finalizar, interessa-me uma pequena assertiva de Couto, presente na obra “Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente” de 2007. Nela, ao citar Capra (2002), o autor afirma que a língua apresenta característica adaptativa a um dado meio ambiente variável – aspecto essencial dos organismos vivos e sociais. O sistema da língua não poderia deixar de se submeter a tais “constrições gerais”. Para Couto, a língua por certo é sistemática, mas esse sistema é adaptável, “o que significa que ele não é fechado, como uma máquina. Nos sistemas orgânicos, como os organismos vivos e a língua, o todo é mais que as partes” (2007, p. 158).

Este pressuposto aliado à linguística saussuriana juntamente com a concepção bakhtiniana, como veremos adiante, me servirá para elaborar uma concepção de língua(gem) que abarque os aspectos social, axiológico, concreto, dialógico e adaptativo da língua(gem), e congregue a face abstrata da língua. Como já foi apontado na introdução desta pesquisa, o presente trabalho exigiu as abstrações pertinentes às disciplinas da linguística da língua de sinais.

## 2. “3 X 1”: A minha concepção de língua(gem)

*Na perspectiva bakhtiniana, pode-se afirmar que toda leitura seria uma subversão*  
(PINHEIRO; LEITÃO, 2010, p. 105)

Como enfatizei no tópico “1.1.1. Da música à linguística” deste capítulo, parece paradoxal e até contraditório utilizar como referências num mesmo trabalho acadêmico o pensamento saussuriano e bakhtiniano. No entanto, como já foi mostrado, ambos se encontram em campos diferentes do pensamento linguístico. Saussure atribui à língua o status de objeto linguística e a concebe de forma abstrata. Bakhtin e o Círculo buscam a real essência da linguagem e a concebem de forma concreta, dialógica e valorativa.

A utilização das bases teóricas de ambos no presente trabalho se fez necessário mediante a sua natureza: ele exigiu a concepção abstrata da língua, ao mesmo tempo em que tem como ponto central o problema do conteúdo, material e formal na escrita de sinais. Assim sendo, é impossível utilizar Bakhtin e o Círculo nas questões de morfologia e *fonologia*, sendo esta última imprescindível para a realização sistêmica de alguns objetivos específicos da tese. Por outro lado, apesar de Saussure admitir que o signo tem sua face ideológica (como vimos no tópico “1.2.1. A linguística saussuriana”), ele não poderia fundamentar minha discussão a respeito do cronotopo e do problema do conteúdo, material e forma.

Como foi exposto ao longo deste capítulo até o presente momento, na concepção saussuriana, língua e linguagem são consideradas “apenas uma mesma coisa: uma é generalização da outra” (*op. cit.* p. 128). Em sua concepção, a linguagem humana é constituída pela somatória da fala (vontade individual) e da língua (passividade social). A língua é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade pelos indivíduos. Sua natureza é convencional, social e externa e deve ser estudada como sendo a essência da atividade comunicativa.

Para Bakhtin e o Círculo, a língua é o meio que utilizamos para materializar a linguagem verbal humana. Para os autores, a língua nasce, vive e cresce historicamente de forma concreta na comunicação discursiva. Nesta concepção, ela

não pode ser separada do seu conteúdo ideológico, ou seja, do conteúdo cotidiano vivencial. Já a linguagem é vista por Bakhtin e o Círculo como ato concreto de enunciação, altamente valorativo e constitutivamente dialógica, formando o que Bakhtin e o Círculo chamou de corrente ininterrupta da comunicação verbal, da qual não se pode ver o início, tampouco vislumbrar seu fim.

Na concepção ecolinguística, a língua é composta por quatro ecossistemas, cada um deles relacionados a um meio ambiente. É tida como sistemática e adaptável ao meio ambiente linguístico. Enquanto “a língua (L) são as interações verbais que se dão entre os membros da população ou povo (P) e entre eles e o mundo ou território (T), exatamente como na ecologia biológica” (*op. cit.*, p. 55), a linguagem, para a ecolinguística, surge das respectivas ecologias da interação comunicativa.

Para não dar ao presente trabalho e a produções futuras que dele poderão se originar um aspecto de uma “colcha de retalhos”, foi necessário elaborar, mesmo que de forma linear e superficial, uma concepção de língua(gem) que congregue todos os aspectos necessários para alcançar o(s) objetivo(s) propostos nesta pesquisa, os quais se consolidarão em produções posteriores. Logo, tal concepção precisa congrega os aspectos enunciativos, axiológicos, dialógicos, concretos, sistemáticos e adaptativos ao meio social, bem com a abstração necessária para o linguista, para o pesquisador e para o professor de línguas.

A língua é, portanto, um produto social e um meio do qual nos utilizamos para materializar a linguagem humana e satisfazer nossas necessidades comunicacionais. Por ser um sistema social, durante a interação, a língua sofre as coerções que convergem dos usos que fazemos dela – o que implica em mudanças provisórias em sua estrutura que, ao longo de seu percurso no tempo e no espaço, podem se tornar permanentes, até que sejam socialmente modificadas ou eliminadas. A língua é um sistema que o sujeito acessa por meio da interação e nele desperta sua consciência. Com o acesso ao sistema linguístico, o sujeito o adaptará segundo as suas necessidades comunicacionais expressivas, moldando-o segundo sua própria ética/estética.

A língua é um sistema composto por duas faces. Uma é concreta, intimamente ligada aos atos de fala e às situações comunicativas concretas, ou seja, à interação verbal. Outra é abstrata, na qual a língua é dissecada para fins científicos, servindo,

obviamente, para este fim, incluindo aí o ensino. Estas duas faces da língua se retroalimentam. A língua, enquanto objeto concreto, fornece tudo o que a torna abstrata, ou seja, os materiais físicos e estrutura-organizacional informal. Por outro lado, a língua abstrata alimenta a consciência do falante sobre os elementos do sistema linguístico, enquanto a língua concreta fornece tudo aquilo que a fundamenta e orienta sua formalidade normativa.

Sendo assim, segundo o que se delineia em Benassi (2019), a língua:

1. É concreta:
  - 1.1. é um sistema de signos relativamente estáveis, mutáveis e flexíveis: adaptativo às necessidades comunicacionais do sujeito;
  - 1.2. é formada num processo ininterrupto, que se origina da interação histórico-sócio-discursiva dos falantes: tem leis de formação sociológicas em sua essência;
  - 1.3. não pode ser compreendida desconsiderando os sentidos e valores ideológicos que a constituem;
  - 1.4. existe não em si e por si, mas somente em sua relação com a enunciação concreta, com o ato verbal concreto;
2. É abstrata (para fins científicos):
  - 2.1. articula-se duplamente organizando-se sintaticamente;
  - 2.2. compõe-se de mínimas partes que não possuem sentidos em si mesmas e, ao serem combinadas, formam elementos dotados de sentido;
  - 2.3. compõe-se por partes dotadas de sentido que se combinam para formar enunciados.

Partindo das concepções que foram até o momento estudadas, a linguagem representa, em minha concepção, os atos de interação comunicativa que envolvem material verbal (língua) e material extraverbal (expressões corporais, valores axiológicos, ideologia). A linguagem é constitutivamente dialógica, pois os enunciados que a compõem respondem a enunciações anteriores, ao mesmo tempo em que os atualizam e suscitam enunciados futuros, entrelaçando-os numa malha discursiva da qual não se pode conceber o início, tampouco prever o seu fim.

A linguagem é uma malha na qual se entrelaçam dialogicamente os fios enunciativos, axiológicos, dialógicos alheios que os sujeitos simbiotizam e aplicam ao seu discurso, tornando-os alheios próprios, os quais, com o decorrer do tempo, se materializam em experiências e produções languageiras como discurso próprio.

Para Benassi (2016; 2016; 2017), o ‘Ser’ é formado por forças que atuam em platô existencial: *convergências* são forças oriundas da ideologia oficial que atuam sobre o ser moldando sua subjetividade; *insurgências* são forças que podem surgir do ser em reação a “linha de montagem” da subjetividade; *divergências* são forças resultantes do final processo de insurgência na serialização da subjetividade. Obviamente, essas forças se utilizam da língua(gem) e do discurso.

Na língua(gem), as forças convergentes atuam no sujeito no sentido de impor-lhe uma ideologia linguística oficial, ou seja, formal, cuja aceitação convergente (passiva) lhe permite o acesso ao mundo letrado e culto: a convergência, neste caso, é o passaporte para a erudição. No entanto, no dia a dia languageiro, o sujeito, em suas enunciações, atua subvertendo coercitivamente o sistema, moldando-o ao seu querer dizer de acordo com o contexto languageiro no qual está inserido, sendo que, em muitos desses contextos, importará ao falante apenas ser compreendido. Este aspecto é a insurgência do sujeito contra o sistema normativo convergente. É a ideologia linguística do cotidiano.

Atos e enunciação divergentes serão o resultado desse processo. Inseridos num contexto social, devidamente experimentados, atualizados e avaliados socialmente, eles podem, ao longo do percurso temporal-espacial de um dado sistema linguístico, penetrá-lo modificando-o. Não é por meio da língua(gem) formal e convergente que se penetra na vida. Neste platô da ideologia linguística formal/oficial, a língua(gem) é puramente um sistema de regras normativas que é ensinado em salas de aulas, cujo objetivo é o bel-falar. É sistema de regras normativas que a escola deve ensinar, segundo Câmara Júnior (2015, p. 20).

Assim sendo, a linguagem:

- 1) é inseparável do sujeito que a experiencia enquanto ato;
- 2) é singular, irrepitível, temporal e espacialmente situada;
- 3) é enunciativa por suscitar atos interacionais nos quais emerge o discurso;

- 4) é axiológica por expressar a valoração do sujeito sobre seu objeto discursivo, seu posicionamento perante o outro e sua maneira de ver o mundo;
- 5) é dialógica por atualizar e suscitar discursos que estão sempre entrelaçadas por vozes sociais com as quais se harmonizam numa malha chamada atividade discursiva;
- 6) é uma arena de forças na qual se confrontam ideologia oficial e ideologia do cotidiano, apresentando-se como um conjunto de forças que o sujeito utiliza para forjar seu eu, seu mundo e o seu viver-agir;
- 7) é um instrumento de poder que o sujeito utiliza de acordo com sua própria ética/estética.

Vale a pena ressaltar que os atos concretos de linguagem são obtidos na interação e o abstrato é resultado do pensamento teórico por um determinado viés que o regula. Este último comporta a face especializada do sistema linguístico, que Volochinóv (2017, p. 176) afirma ser obtida apenas por meio de abstração mediante um “enorme” trabalho com uma determinada orientação cognitiva e a prática.

Ainda lembrando Volochinóv (2017, p. 220), não se pode ignorar os tipos de interação discursiva em relação com as condições concretas de sua realização: as formas enunciativas singulares, relacionadas com a interação da qual são parte; os gêneros discursivos verbais que são determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica.

Após considerar esses pontos, a análise deverá revisar as formas da língua em sua concepção abstrata, ou seja, a análise linguística deve se dar do processo para o produto. Noutras palavras, recomenda-se que a análise de fenômenos linguísticos parta dos atos de linguagem (concreto) para os elementos puramente físicos (abstratos).

### **3. Considerações Finais**

Como pode ser observado ao longo de nossa argumentação, a face abstrata da língua, objeto da apreciação saussuriana, e sua face concreta, objeto perseguido por Bakhtin e o Círculo, coexistem harmonicamente na vida da linguagem humana.

Ao contrário do que se pensa, elas não se excluem: se retroalimentam. Ou seja, uma fornece a outra elementos e condições de existência.

Noutras palavras, o concreto, no qual reside a interação verbal, reivindicada por Bakhtin e o Círculo como a real essência da linguagem, fornece ao linguista, ao pesquisador e ao professor de língua, os elementos necessários para a abstração, resultado de um esforço desses profissionais apontado por Volochinóv (2017), processo pelo qual se obtém o normativo, o padrão, o “bel” falar.

Por último, vale salientar que o sistema linguístico é adaptativo. Ou seja, o sujeito, por meio do despertar de sua consciência na linguagem, acessa esse sistema e o adapta as suas necessidades reais de comunicação. Quanto mais especializado o sujeito se torna, maior é o grau de adaptação e mais profundo é o seu nível de conhecimento sobre o sistema.

## Referências

BAKHTIN, M. M.; VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12ª São Paulo: Hucitec, 2010.

BENASSI, C. A. **VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais**. Tese. Doutorado em Estudos de linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagem. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Cuiabá, 2019.

MARTINS, M. S. C. **Saussure e o Curso de Linguística Geral: valores, confrontos, desconstruções**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

MARTINET, A. [1968] **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

PINHEIRO, P.; LEITÃO, S. Bakhtin e a “vida dos outros”. In.: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 87-110, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. [1975] **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

SAUSSURE, F. de. [1970] **Curso de linguística geral**. Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

\_\_\_\_\_. [2002] **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo, 2004.

SÉRRIOT, P. **Volochinov e a filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Bagno. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita da língua de sinais pelo sistema SignWriting**: línguas de sinais no papel e no computador. Tese. Doutorado. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

TREVISAN, M. V. Perspectivas metodológicas em Marxismo e filosofia da linguagem. *In.*: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe – UFCar. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. 170 p.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekatarina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª Edição). 376 p.



# STRUCTURALISME, ÉNONCIATION ET ECOLINGUISTIQUE: «3 X 1» DANS MA CONCEPTION DE LANGUE / LANGAGE

---

## RÉSUMÉ:

Cet article vise à présenter une nouvelle conception de langue / langage, qui se retrouve dans le germe de la thèse «VisoGraphie: le problème du contenu, de la matière et de la forme dans l'écriture des signes». Cette conception rassemble l'hypothèse de l'abstrait du système linguistique, issu de la pensée saussurienne, en tenant compte du fait qu'il est aussi concret, selon les arguments bakhtiniens, présentant toujours le caractère d'adaptabilité, souligné par l'écolinguistique. L'article présente une brève discussion théorique à ce sujet, qui sous-tend la nouvelle conception de langue / langage. On s'attend à ce qu'une nouvelle lumière théorique soit jetée sur le thème, considérant que l'abstrait et le concret dans la langue ne s'excluent pas mutuellement, ils se pourvoient des feedbacks.

---

## MOTS CLES:

Structuralisme,  
Énonciation,  
Ecolinguistique.

*Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado, cuja tese se intitula “VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais, com suporte teórico em Vygotsky, Saussure, Martinet, Bakhtin e o Círculo.*